

Jornalismo e IA: o uso de ferramentas generativas por jornalistas de Mato Grosso¹

Larissa Maciel de Azevedo²

Anna Cristina Brisola³

Thiago Cury Luiz⁴

Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar as percepções de jornalistas mato-grossenses sobre o uso de Inteligência Artificial nas rotinas diárias da imprensa. Para tanto, a concepção metodológica combina três recursos de análise e coleta, quais sejam: pesquisa bibliográfica, entrevista em profundidade e análise de conteúdo. Os resultados demonstram que os profissionais da imprensa recorrem a artifícios de Inteligência Artificial diante da precarização do trabalho, despertando a atenção em torno dos riscos que existem na substituição de seres humanos por máquinas. Concluímos que os desafios éticos impostos pelo uso da IA, aliados ao fenômeno da desinformação, fazem com que o jornalismo reforce o papel central que invoca na mediação entre a realidade e a sociedade.

Palavra-chave: jornalismo; inteligência artificial; desinformação; Mato Grosso.

Introdução

O jornalismo é um instrumento social que tem a função de apurar e propagar notícias e informações pertinentes à sociedade, também sendo visto como espaço da esfera pública. Contudo, a hegemonia opera este território e as bases ideais da esfera pública foram solapadas. Malin e Antoun (2013, p. 65) explicam, parcialmente, o porquê: “a comunicação torna-se um modo de constituir os seres e não apenas um meio de trocar mensagens”.

É neste contexto que surge a Inteligência Artificial (IA), popularizada recentemente. Como resultado disso, o jornalismo se encontra em um cenário de mudanças no *newsmaking*, que é o fazer notícia, conceituado e utilizado como guia para a produção de conteúdo noticioso desde a década de 1950 (Traquina, 2005).

Entretanto, é justamente essa diversidade de uso que pode levar o profissional à utilização errônea, percorrendo caminhos como a *fake news* e desinformação. Autores como Arnaudo (2017) e Tufekci (2017) falam de desinformação, *fake news*, muitas vezes

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. E-mail: larissa.azevedo.2024@gmail.com.

³ Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. E-mail: anna.brisola@gmail.com.

⁴ Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. E-mail: thiago.luiz@ufmt.br.

impulsionadas e publicadas com uso da IA. Ahmed (2021) alerta para as *deepfakes* geradas com auxílio de IA e o ceticismo provocado pela dificuldade de distinção destes conteúdos de conteúdos verdadeiros, principalmente nas eleições.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar as percepções de jornalistas mato-grossenses sobre o uso de Inteligência Artificial nas rotinas diárias da imprensa. Além disso, refletir acerca dos riscos impostos pelo fenômeno da desinformação é outro intuito do texto em tela, razão pela qual propomos o seguinte problema de pesquisa: em que medida a IA é aliada ou ameaça ao trabalho de jornalistas mato-grossenses?

O artigo em tela parte de uma investigação realizada como trabalho de conclusão de curso em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, apresentada em maio de 2025.

Além deste texto introdutório, faremos uma abordagem conceitual das bases teóricas desta pesquisa, trazendo, na sequência, os aspectos metodológicos do estudo. Mais adiante, apresentaremos e discutiremos os achados, oferecendo algumas considerações sobre o experimento.

Pensando teoricamente a questão

Consideramos aqui a desinformação como um sistema intencional de técnicas e artifícios, que ultrapassam a simples distinção entre informação verdadeira ou falsa. A desinformação utiliza informações verdadeiras de maneira manipulada, descontextualizada, distorcida, fragmentada, misturada ou generalizada, para além da narrativa puramente fabricada. Também inclui táticas de orientação, desorientação, comoção, omissão, inundação, parcialidade dissimulada e infantilização (Brisola; Doyle, 2019) e Brisola (2021).

Voltando a Arnaudo (2017) e Tufekci (2017), a IA possibilita a construção de *deep fake*, ou seja, vídeos, imagens e textos manipulados ou construídos para desinformar. Cria realidades alternativas, testemunhos e discursos falsos, alimenta teorias da conspiração, ativando discursos de ódio e negacionismos, facilitando a produção e dispersão de desinformação.

Por outro lado, como demonstram estudos como os de Sneha Singhanian, Nigel Fernandez e Shrisha Rao (2017), que propuseram um detector automatizado de fake news, rápido e preciso, e Akhtar et al. (2023), que desenvolveram um detector de desinformação e fake news, usando IA e machine learning para evitar interrupções na cadeia de suprimentos, a IA pode ajudar no combate à desinformação.

Baldassar e Pinto (2024) concluíram que é possível utilizar o ChatGPT na rotina do jornalismo, de maneira promissora e sem riscos de substituição. Berti (2024) identificou pertinência na utilização da ferramenta para a elaboração de pautas, especialmente as chamadas “frias”.

A tecnologia começou a ser utilizada desde pelo menos a década de 1970 pelos jornalistas, com experiências como automatização de previsões do tempo, de acordo com a autora Rafiza Varão (2023), mas é frequentemente uma ferramenta de aceleração do trabalho. Isto porque “os jornalistas viram surgir a necessidade da utilização de novas tecnologias de comunicação devido ao crescimento de demandas como a interatividade, a instantaneidade e a convergência midiática” (Baldassar, Pinto, 2023, p. 37).

Estes avanços das tecnologias da comunicação ocorrem de forma mais veloz (Ferrari; Cardozo; Boarini, 2021), o que faz com que os jornalistas precisem produzir em um ritmo muito mais acelerado. Esta pressão que os profissionais sofrem na produção dos conteúdos é uma grande motivação para a adesão de ferramentas de IA no cotidiano. Elas são frequentemente usadas para auxiliar em diversas áreas automatizando tarefas, como apuração, análise de dados e até mesmo na redação dos textos.

Sob essa perspectiva, os autores Baldassar e Pinto afirmam que “a tecnologia transforma a maneira como a informação - e o conhecimento - é coletada, produzida e distribuída e, por isso, pode ser considerada uma dimensão estruturante do jornalismo” (2023, p. 37).

Essa utilização, portanto, tende a ser cada vez mais explorada no mercado de trabalho comunicacional. No entanto, os autores também destacam que a IA não pode realizar certas tarefas da competência dos jornalistas, porque são incapazes de replicar a intuição, por exemplo, que é algo essencialmente humano. Outra questão levada em conta por eles está relacionada à identificação de histórias e angulações a partir da conexão com fontes e da construção da confiança com o público (Baldassar e Pinto, 2023).

Feita a exposição das bases teóricas da pesquisa, vamos, a seguir, pontuar as referências metodológicas deste estudo.

Metodologia

Para a realização deste estudo, foram utilizados três aspectos metodológicos: Pesquisa Bibliográfica, a Entrevista em Profundidade e a Análise de Conteúdo. A finalidade foi construir uma pesquisa sólida em relação ao jornalismo, IA e

Desinformação, discutindo como os três campos se relacionam e as consequências geradas por certas ações dos profissionais.

A Pesquisa Bibliográfica foi utilizada a fim de obter conteúdos pertinentes aos temas, de forma que o estudo das autoras tenha embasamento em conteúdos adequados à temática. De acordo com Stumpf (2011), “a revisão da literatura é uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa, iniciando com a formulação de problema e/ou objetivos do estudo e indo até a análise dos resultados”. Dessa forma, a Pesquisa Bibliográfica foi fundamental para a construção do texto.

Outro aspecto metodológico utilizado foi a Entrevista em Profundidade (Duarte, 2011). Ela se deu a partir de visitas aos sites de notícias Gazeta Digital, Olhar Direto de Primeira Página, que possuem alta visibilidade em Mato Grosso. Foram entrevistados três profissionais de cada site, sendo um editor e dois repórteres.

Por fim, o último método abordado na pesquisa é a Análise de Conteúdo, imprescindível na produção do artigo, já que lida com a investigação de fenômenos simbióticos ao levar em conta técnicas de pesquisa (Fonseca Júnior, 2011). A partir da análise das respostas, é possível compreender as utilizações e ações cotidianas dos profissionais da comunicação em relação à IA e como a Desinformação e até mesmo a *fake news* podem estar relacionadas ao dia a dia das redações.

Para a coleta de dados, foram feitas três perguntas: Por que você começou a utilizar recursos de IA na sua rotina de produção jornalística? Como a IA facilita ou traz desafios no seu trabalho cotidiano? Qual é a sua opinião sobre o uso de ferramentas de IA na rotina jornalística? Em seguida, os repórteres e editores foram questionados em relação ao uso da IA na produção do texto: escrita, correção gramatical e ortográfica, verificação de vieses, acessibilidade e verificação de plágios.

Feita a apresentação conceitual e procedimental dos métodos da pesquisa, é o momento de trazermos os resultados e as discussões.

Apresentação e Análise dos Resultados

Ao responderem a primeira pergunta, relacionada aos motivos de os profissionais terem começado a utilizar a IA na rotina jornalística, eles admitiram ter iniciado para ganho de tempo, comprovando o que muitos autores já afirmam. Esta razão é uma consequência do mercado de trabalho, como destacou uma das repórteres do site Primeira

Página, ao afirmar que “quem chega primeiro com a notícia ou com o conteúdo original é quem tem a maior visibilidade ou quem pelo menos desponta como autoridade naquilo. Eu comecei a fazer uso [de ferramentas de IA] principalmente para essa celeridade”.

Ou seja, os jornalistas têm ciência da pressão do mercado, possuem uma visão crítica e percebem os motivos que os levaram ao uso de IA. Ainda, eles aproveitam a facilidade com que é possível utilizar ferramentas e criar *prompts* (comandos) sem possuir conhecimento na linguagem de programação (Ioscote, 2023). No entanto, apesar de ser vista como uma ferramenta positiva pela grande maioria dos entrevistados, ainda gera desconfiança e receio na escrita de notícias.

O tema é complexo e tem percepções diversificadas, o que fica mais nítido na análise das respostas à segunda pergunta. Os profissionais abordam diversas formas de auxílio da IA no trabalho, mas, quando se trata dos desafios, as questões ficam mais complexas, pois envolvem problemas nocivos à sociedade, como as *fake news*. Apesar dos benefícios, a sensação de desconfiança foi exposta pelos profissionais.

O ChatGPT, a título de ilustração, é desenvolvido para juntar palavras que normalmente aparecem lado a lado em textos disponíveis na internet (Garattoni, 2023). Este método não garante uma resposta eficiente aos comandos dados, embora possa funcionar muitas vezes. A alucinação de IA, no entanto, é uma questão refletida pelos entrevistados, que, mesmo sem terem conhecimento do termo técnico, expõem falhas da tecnologia a partir de suas experimentações.

Mesmo com a mentalidade mercadológica inserida intimamente no trabalho dos jornalistas, na organização das empresas e na ética da profissão (Branco, 2019), acarretando a pressão de entrega, todos os entrevistados destacaram não utilizar a ferramenta sem uma garantia de revisão humana do conteúdo.

Uma das repórteres, funcionária do Primeira Página, traz à tona, de forma indireta, a questão da ética dos profissionais. “Eu acho que o grande desafio é não ceder à tentação de transferir a sua responsabilidade enquanto repórter para a IA, porque definitivamente ela não te substituir”. A profissional afirmou que não ceder ao cansaço e entregar os textos a uma ferramenta para produzi-lo integralmente por ela é um desafio.

Sob uma perspectiva geral, os entrevistados afirmaram querer seguir com as regras do bom jornalismo mesmo ao usufruírem da IA, também discutindo questões de *fake news* e desinformação dentro do contexto da tecnologia. Entre as variações do cenário atual, um dos destaques na junção de IA e desinformação são as *deepfake* e as alterações de imagens.

A editora do Primeira Página e um repórter do Gazeta Digital destacam que o maior desafio é não poder confiar na IA para oferecer informações reais aos jornalistas. Esta questão os levou à outra pergunta: qual é a sua opinião sobre o uso de ferramentas de IA na rotina jornalística?

As respostas foram favoráveis, mas com a condição de ser utilizada apenas como ferramenta, deixando as partes crítica, analítica e emocional a cargo dos humanos. No entanto, apesar de todos falarem sobre está lógica em algum momento da entrevista, alguns veem como aceitáveis determinados usos, como a escrita do conteúdo, que já foi criticada por outros anteriormente.

A editora do Primeira Página afirmou também não ver problema na utilização, defendendo que a IA pode ser usada em textos que não necessitam de “tanto esforço humano”. Em contrapartida, a editora do Gazeta Digital se mostrou totalmente contra o uso para escrita do conteúdo, afirmando que a atividade deve ser realizada pelos próprios profissionais.

Ela também discute o perigo de essa produção facilitada de textos ser uma abertura para a produção em larga escala da pós-verdade. A editora destaca como isso é um problema para o jornalismo, não apenas em relação a texto, mas também quando se trata de conteúdos de foto e vídeo, como as *deepfakes*.

Isso acaba sendo um problema e que a gente tem que esclarecer, e as pessoas nem sempre estão abertas àquilo com que elas não concordam. Se aquele vídeo foi feito e é uma coisa que vai de acordo com a ideia dela, é muito mais fácil de aceitar do que uma coisa que contradiz seus ideais. Mesmo quando a gente tem um conteúdo, tem print de algum documento, tem algum embasamento de dados, as pessoas são descrentes (informação verbal).

Dessa forma, é notável que a IA, possui características favoráveis ao fazer jornalístico mas também pode causar danos ao jornalismo e sua credibilidade e depende das perspectivas de utilização e éticas aplicadas a seu uso. Dessa forma, os profissionais também expuseram opiniões diversas sobre o uso desta tecnologia no jornalismo.

Na primeira pergunta sobre redação, o uso de ferramentas para a escrita do conteúdo, recebeu negativas da maioria dos repórteres. Uma repórter, que afirmou fazer o uso da tecnologia para a escrita de matérias, detalhou seu processo com a IA, quando usada para este fim: “A gente insere o B.O., ele vai te dar uma matéria, só que aí a gente transforma essa matéria. Às vezes, isso facilita porque tem um monte de B.O.s para fazer. Você só joga lá, é mais rápido”. Como na rotina profissional é comum produzir uma grande quantidade de matérias em um curto período de tempo, a jornalista opta pela

produção de textos com auxílio da IA. Outro profissional que utiliza a IA é o repórter do Gazeta Digital. Ele relata que solicita a ferramentas de IA explicações sucintas e objetivas dos termos técnicos, e quando acha a resposta produzida apropriada adiciona no texto.

Quando questionado sobre a correção gramatical e ortográfica do texto, os jornalistas aceitaram com maior facilidade, considerando que quatro profissionais afirmaram já ter utilizado e uma nunca havia pensado na possibilidade, mas achou a ideia interessante.

Acerca do uso de tecnologias para identificar vieses nos textos, os jornalistas negaram, dando justificativas de que não precisam, de que é trabalho do editor e que nunca haviam pensado na possibilidade. As últimas repórteres entrevistadas se mostraram abertas para o uso, e uma delas destacou que as oportunidades são novas nos veículos de comunicação, então as experimentações ainda estão ocorrendo.

Em relação às perguntas sobre edição, feitas especialmente aos editores, em geral, eles mostraram confiança nos repórteres do site, e também houve diferenças de opiniões.

Para a correção gramatical e ortográfica, os editores não costumam fazer uso, pois, enquanto a editora do Gazeta Digital apenas não viu finalidade no uso, os outros dois editores tentaram, mas sem o êxito desejado. Em diversos momentos a tecnologia não entrega um resultado interessante para os jornalistas, principalmente quando se fala sobre correção integral do texto, apenas para questões gramaticais é mais interessante.

Na utilização da IA para identificação de plágios e vieses nos textos, os editores também afirmaram não fazer uso, explicando que não possuem interesse ou costume de utilizar para essas atividades. A editora do Primeira Página, no entanto, afirmou que a possibilidade de identificar plágios é interessante, e nunca havia pensado na possibilidade, sendo possível admitir a prática na rotina.

Sobre a última pergunta, repórteres e editores afirmaram não utilizar ferramentas de IA para garantir e/ou melhorar a acessibilidade para pessoas com deficiência visual, sob o argumento de que não possuem poder para isso. De fato, a organização do veículo é padrão e os jornalistas a seguem.

Considerações finais

O jornalismo preserva o seu papel de mediador social, tendo, agora, a companhia de outros recursos tecnológicos, como as redes sociais. A tecnologia, por sua vez, provê ferramentas que podem auxiliar ou mesmo arriscar o trabalho dos profissionais da imprensa, em um limiar cuja identificação não é tão simples.

O objetivo principal desta pesquisa é apresentar as percepções de jornalistas mato-grossenses sobre o uso de Inteligência Artificial nas rotinas diárias do fazer jornalístico. Colocar em reflexão os depoimentos coletados à luz do fenômeno da desinformação, que, inclusive, pode ser agravado pela utilização da IA, é outro intento deste manuscrito.

Na tentativa de responder ao problema de pesquisa “em que medida a IA é aliada ou ameaça ao trabalho de jornalistas mato-grossenses?”, identificamos que os profissionais têm feito cada vez mais uso das ferramentas, muito em função da precarização do trabalho e da necessidade de incrementar a produção diária.

Ao mesmo tempo, os respondentes parecem estar atentos aos riscos apresentados pelo instrumental generativo, reconhecendo que, ao menos no jornalismo, a máquina não possui condições de substituir o ser humano.

Concluimos, assim, que a IA tem condições de auxiliar a produção jornalística, de forma a não corromper a dimensão ética da profissão. Além disso, a própria imprensa, com ou sem o auxílio de ferramentas generativas, guarda papel essencial no enfrentamento ao fenômeno da desinformação, que, por óbvio, é assistida por elementos de IA, dando mais realismo às realidades fabricadas.

Com isso, pretendemos oferecer uma contribuição aos estudos que convergem jornalismo, IA e desinformação, reconhecendo que ela se limita a um determinado recorte espaço-temporal. Outras pesquisas, com perspectivas que comparem profissionais e veículos de Estados e ou regiões do país, podem fornecer um entendimento mais alargado desta conjuntura, que, ao que se nota, parece irredutível.

Referências

AHMED, Saifuddin. Disinformation sharing thrives with fear of missing out among low cognitive news users: A cross-national examination of intentional sharing of deep fakes. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, v. 66, n. 1, p. 89-109, 2022.

AKHTAR, Pervaiz et al. Detecting fake news and disinformation using artificial intelligence and machine learning to avoid supply chain disruptions. **Annals of operations research**, v. 327, n. 2, p. 633-657, 2023.

ARNAUDO, Dan. **Computational propaganda in Brazil**: Social bots during elections. 2017.

BALDESSAR, Maria José; PINTO, Larissa Gaspar Coelho. Inteligência Artificial no jornalismo: primeiras impressões sobre o uso do ChatGPT. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 20, n. 2, p. 35-51, 2023.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. ChatGPT e a transformação nas pautas jornalísticas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 20, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/95079>. Acesso em: 2 mai. 2025.

BRISOLA, Anna Cristina. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano**: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas. Orientador Marco Schneider. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro. 2021.

BRISOLA, Anna Cristina; DOYLE, Andréa. Critical information literacy as a path to resist “fake news”: Understanding disinformation as the root problem. **Open information science**, v. 3, n. 1, p. 274-286, 2019.

BRANCO, Carla Moraes Castello. Gatekeeper: as portas estão escancaradas: Os meios de Comunicação estão sob controle? O uso das Tecnologias de Comunicação é fundamental para a sociedade. **Intercom**, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1439-1.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-83.

FERRARI, Pollyana; CARDOZO, Missila; BOARINI, Margareth. A Comunicação e as influências da inteligência artificial. **Intercom**, 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL, 2021, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt5-cd/pollyana-ferrari.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2025.

FONSECA JUNIOR, Wilson C. da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 208-304.

GARATTONI, Bruno. **O futuro da IA**. In: Super Interessante, ed. 448, fev. 2023.

IOSCOTE, Fabiana. Produção de notícia ou de texto? Um estudo exploratório sobre potenciais e limitações do ChatGPT, Bard AI e MariTalk para o Jornalismo. **21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**: Brasília, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/377146015_Producao_de_noticia_ou_de_texto_Um_estudo_exploratorio_sobre_potenciais_e_limitacoes_do_ChatGPT_Bard_AI_e_MariTalk_para_o_Jornalismo. Acesso em: 11 jun. 2025.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.

SINGHANIA, Sneha; FERNANDEZ, Nigel; RAO, Shrisha. 3han: A deep neural network for fake news detection. In: Neural Information Processing: **24th International Conference, ICONIP 2017, Guangzhou, China**, November 14-18, 2017, Proceedings, Part II 24. Springer International Publishing, 2017. p. 572-581.

STUMPF, Ida R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51-61.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são. Vol. 1; 2 ed; Florianópolis, Insular, 2005. p. 180-187. Tradução: Paulo do Rocha Dias. Arquivo em Word. 2005.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and tear gas: The power and fragility of networked protest**. Yale University Press, 2017.

VARÃO, Rafiza. Uma questão de fato? Jornalismo, credibilidade e inteligência artificial no Washington Post. In: **Anais Do 21º Encontro Nacional De Pesquisadores Em Jornalismo**, 2023, Brasília. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/uma-questao-de-fato-jornalismo-credibilidade-e-inteligencia-artificial-no-washin?lang=pt-br>. Acesso em: 2 mai. 2025.